

Do Paraíso às Chamas, das Chamas ao Paraíso

Ms. Joel Carlos de Souza Andrade
Prof. da Universidade Federal do Rio Grande do Norte
jocadesoan@yahoo.com.br

Ms. Manoel Carlos Fonseca de Alencar
Prof. da Universidade Estadual do Ceara
mcarfos@yahoo.com.br

*Nós nunca nos realizamos.
Somos dois abismos – um poço fitando o Céu.*
Fernando Pessoa

Resumo

Os marcos historiográficos se constituem referências para as diferentes abordagens do historiador. Tendo como recortes temporais: o 1492, a chegada de Colombo ao Novo Mundo e 2001, com a derrubada das torres gêmeas do World Trade Center analisa-se o processo de constituição do moderno mundo ocidental marcado historiograficamente por conceitos como colonização, revolução, civilização, Renascimento, Iluminismo e Orientalismo que reforçam um lugar de poder e saber sobre o outro. Portanto, pretende-se problematizar esses lugares prontos mostrando, como, afirma Jean Delumeau, que as palavras têm vida e não são inocentes.

Palavras-chave

História Moderna, Orientalismo, Ensino de História

As recentes afirmações de George W. Bush acerca dos conflitos entre Estados Unidos e Afeganistão e posteriormente com as justificativas para invasão do Iraque e todo o seu desenrolar nos últimos meses nos leva a refletir, mesmo que brevemente, nas relações que historicamente tem se estabelecido entre o Oriente e o Ocidente e cuja produção discursiva se ampliara no pós 11 de setembro. Declarações que nomeiam como “bárbaros” os povos do oriente Médio e a associação destes com o atraso, com o despotismo e com o fanatismo religioso, veiculadas pela imprensa ocidental, principalmente através da rede americana CNN e, por outro lado, temos nos deparado com uma fissura desse olhar através da rede Al Jazeera que imprime numa suposta perspectiva árabe um novo discurso sobre os episódios recentes no Oriente Médio. Este embate coloca sérios problemas sobre como o Ocidente tem visto a si mesmo e aos povos que se encontram fora de seus padrões culturais. Isto porque o Ocidente tem se colocado como uma cultura superior às outras e, em nome

dessa superioridade, justificado ao longo da história todo tipo de intervenções, invasões, saques e genocídios.

Assim, é necessário nos questionarmos sobre essa rígida linha que separa e delimita povos em fronteiras tão distintas culturalmente: de um lado, o Ocidente com uma cultura cristã, moderna, liberal e democrática, demonstrando seu dinamismo; do outro, o Oriente com suas tradições milenares, resistentes às mudanças. Portanto, é importante fazermos uma reflexão sobre esses lugares que se construiu historicamente para o mundo ocidental. Afinal, o que vem a ser o mundo Ocidental? Que idéia de mundo ele carrega?

Dessa forma, esse texto não tem muitas pretensões e nem é um estudo exaustivo sobre os contatos entre o oriente e o Ocidente, até porque esta discussão já foi trabalhada por historiadores renomados. Todavia, nossas colocações têm a preocupação de apontar possibilidades de diálogo sobre uma temática bastante importante, já que perpassa tanto a nossa formação acadêmica quanto o nosso cotidiano; somos frutos desta formação e ao mesmo tempo, consciente ou inconscientemente, reproduzimos visões e posturas ante o mundo.

A nossa vivência em sociedade pressupõe a identificação de tais elementos que nos dão uma identidade, isto é fundamental. Todavia, o que não podemos é reproduzir determinadas posturas maniqueístas onde “eu” sou o Bom e “sicrano” é o Mal. Esta postura nos leva ao primeiro grande problema: a falta de compreensão das singularidades históricas e culturais, pois as identidades ou identificações são construídas através de múltiplos discursos que demarcam noções de pertença, de diferença e de exclusão cujas abordagens devem perpassar o cotidiano em sala de aula.

No sentido de construir uma consciência crítica sobre essa idéia de Ocidente torna-se necessária uma discussão em cima dos referenciais históricos que articularam e legitimaram uma forma de ser ocidental. Mesmo levando em conta uma larga temporalidade que tem como marcos 1492, com a “descoberta” da América, e 2001, com o ataque “terrorista” aos EUA, esses marcos são importantes porque o primeiro representa a integração da América ao mundo Ocidental e é também a época da expulsão dos últimos domínios muçulmanos na Península Ibérica; e o segundo é algo que nos inquieta no momento e exige uma reflexão. É bom frisar que essa guerra deve ser considerada muito mais uma guerra política do que um embate entre civilizações diferentes; afinal, muitos dos países do Oriente Médio apóiam os Estados Unidos (Entre eles, a própria Arábia Saudita, onde se encontra Meca, um dos maiores símbolos sagrados dos muçulmanos). Contudo, mesmo que a guerra tenha motivações que podem ser consideradas muito mais geopolíticas, ela reativa no plano do imaginário velhos preconceitos, traumas e diferenças culturais. O próprio George W. Bush com as suas afirmações procura reacender esses mecanismos imaginários dizendo que “essa é uma guerra da civilização”.

Hoje nos admiramos com a visível superioridade militar e tecnológica dos Estados Unidos frente ao Afeganistão e aos demais países do Oriente. Compreender essa superioridade só se torna possível através da busca dos processos históricos que, pelo menos nos últimos quinhentos anos,

fazem parte da formação do mundo ocidental. Esses processos incluem: o Renascimento, a “descoberta” e a anexação do Novo Mundo, a Reforma Religiosa e sua relação com o nascimento do capitalismo, as revoluções burguesas (Industrial e Francesa), o imperialismo e a expansão do capitalismo e, finalmente a guerra armamentista e o terrível poderio bélico acumulada pelas nações no século XX, em parte consequência das duas grandes guerras que assolaram o mundo.

Sempre que nos referimos ao Oriente, ainda hoje, o tratamos como o outro, oposto, estranho, exterior. As razões porque os tratamos assim devem ser buscadas historicamente na formação e no contato entre o Oriente e o Ocidente. E, mais especificamente, temos que pensar de que forma o ocidente tem representado através de imagens, escritos, tratados etc. o Oriente, e o quanto essas representações conjugadas ao vasto domínio imperial conquistado pelos países europeus contribuem para compreendermos um pouco o nosso presente. Infelizmente, não podemos dispor da imagem que o Oriente (aqui me refiro mais especificamente ao Islã) criou o Ocidente.

Hoje temos um considerável conhecimento sobre o Oriente, que se dá através de revistas, enciclopédias, jornais, televisão; podemos conhecer seus costumes, suas religiões, suas diferentes culturas etc. Esse acúmulo de conhecimento é bem recente. Foi só nos inícios do século XIX, com a grande expansão imperialista européia, que a França e a Inglaterra distribuíram por todo o globo, intelectuais e estudiosos (antropólogos, lingüistas, etnólogos, geógrafos etc.), cujo propósito era estudar as “raças” e culturas diferentes da sua. Esse foi um período em que mais se desenvolveu no Ocidente o conhecimento sobre outras culturas e que, também, mais se produziram teses racistas – que afirmavam a incontestável superioridade da raça branca. Mais especificamente com relação ao Oriente formou-se na Europa uma área de conhecimento voltada para o estudo de toda a região a leste do continente europeu, independente das diferenças culturais que existiam entre os diversos povos que habitavam essa região. Edward W. Said ao analisar essa área de conhecimento voltada para o estudo do Oriente – denominada orientalismo – afirma:

O orientalismo também reforçava, e era reforçado por o conhecimento seguro de que a Europa ou o Ocidente dominava a vasta maioria da superfície da terra. O período de imenso avanço das instituições e do conteúdo do orientalismo coincidiu exatamente com o período de inigualável expansão da Europa; de 1850 a 1914, o domínio colonial direto europeu cresceu de cerca de 35% para cerca de 85% de toda superfície da terra (SAID, 1990, p. 51).

Desta forma, podemos dizer, que a necessidade do homem conhecer, ao outro e a natureza, nunca é um ato de simples curiosidade, ela inclui também a necessidade de dominar. Foram cinco séculos como nunca vistos antes, os que nos separam da expulsão dos muçulmanos da Península Ibérica. De lá para cá muita coisa mudou. Entretanto, é importante ressaltar que a presença dos mouros na Península Ibérica trouxe incontáveis progressos para a região. Enquanto, por exemplo, a maior parte do mundo ocidental desconhecia a noção de Estado e vivia um poder fragmentado em

feudos isolados política e geograficamente, os mouros impuseram aos peninsulares um poder centralizado e forte. Além do que, os mouros dominavam um vasto conhecimento na área de matemática, agricultura, astronomia etc. Gilberto Freyre ressalta a influencia moura na cultura brasileira via colonização portuguesa. Segundo ele, podemos identificá-la na arquitetura, as sacadas de nossos sobrados; na agricultura, as formas de cultivo da cana e outros produtos; no comércio, a disposição dos produtos de forma que vão para além de seu interior do estabelecimento, se estendendo pela calçada, entre outras influências (ver FREYRE, 2000).

De qualquer forma, em 1492 o mundo islâmico era, se não completamente, muito pouco conhecido pelos europeus; mas já nesse período, ele representava uma ameaça para o mundo cristão; todas as terras a norte e a leste do Mediterrâneo pertenciam à religião professada por Maomé. Dessa forma, segundo Edward Said, foi no período que se estendeu da conquista da Península pelos mouros à Reconquista pelos reinos de Castela e Aragão, que se formaram com mais força sobre o imaginário do Ocidente a imagem negativa dos seguidores de Alá. O pensamento cristão medieval imputou uma dura carga de preconceito ao Oriente a ele associado à heresia, o paganismo e o embuste (segundo a opinião recorrente na época, Maomé era, na verdade, uma corruptela de Cristo, visto que, assim como Cristo, ele se colocou como um profeta que veio à terra para pregar a palavra de Deus).

Hoje conhecemos bem mais o Oriente. Existe uma vasta rede de comunicação e de comércio que abrange o mundo inteiro, que muito se deve ao progresso técnico e científico conquistados pelo Ocidente em fins do século XVII com a revolução Industrial, e que se estende até nossos dias. Mais de quinhentos anos separam os relatos das “maravilhas das Índias” escritas por Marco Pólo – que lhe custaram décadas de jornada por terra enfrentando matas fechadas, desertos, terrenos escarpados e outras intempéries – dos aviões B2 da força aérea americana, que são abastecidos em pleno ar e que percorrem, em poucas horas, três ou mais vezes a distância que percorreu o nosso intrépido viajante. Uma informação, há quinhentos anos atrás, durava pelo menos 6 meses para chegar de Portugal ao Brasil. Hoje, essa mesma informação é transmitida em tempo real. Mas todo esse conhecimento que temos do Oriente pouco acrescentou no sentido de compreender e de aceitar o outro; ainda persistem velhos preconceitos.

Há quinhentos anos os europeus chegaram a terras desconhecidas às quais foram nomeadas de Novo Mundo, abria-se um campo de possibilidades para ampliação e extensão do poderio europeu: a América nasceu desse poder Ocidental de nomear o outro para dominá-lo. E mais uma vez o Oriente e o Ocidente se encontraram num ponto da história. Foi fascinado pelas riquezas do oriente, num período em que o poder das nações se media pela quantidade de ouro acumulada em seus cofres, que Cristóvão Colombo levou à frente a difícil empreitada de enfrentar o mar tenebroso viajando a oeste. Um dos prováveis motivos que o levou a arriscar essa viagem foi a presença dos turco-otomanos (muçulmanos) na região que hoje conhecemos pela Turquia. Quando pisou em terras

americanas, Colombo se convenceu que tinha chegado às Índias; morreu acreditando que tinha conquistado na verdade a terra exótica de todas as maravilhas e riquezas.

A conquista do novo Mundo e a submissão dos povos dominados foram fundamentais na imagem que o Ocidente criou de si mesmo e de outros povos. A partir daquele momento o Ocidente cristão anexou vastas terras do globo num longo processo que impulsionou os avanços europeus em muitas áreas (política, economia, religião). Emergiu ali um modelo ocidental de ser, um modelo de homem moderno: “Apesar de toda data que permite separar duas épocas ser arbitrária, nenhuma é mais indicada para marcar o início da era moderna do que o ano de 1492, ano em que Colombo atravessa o oceano Atlântico” (TODOROV, 1983, p. 06).

Este homem moderno surge num período tratado pela historiografia como período de transição; ou, uma passagem paulatina de uma sociedade feudal para uma sociedade capitalista, moderna. Este período é marcado pela chamada “Acumulação Primitiva do Capital” como aponta o pensador Karl Marx (1980). Nesse período consolidaram-se as bases do novo sistema econômico, o capitalismo; nas mãos de uma nova classe, a burguesia. Esta classe demonstrará ao longo da história uma capacidade espantosa de adaptação e articulação nos diversos momentos em que seus interesses estejam em jogo.

Numa abordagem diferente da marxista, trabalhando na perspectiva do imaginário, Jean Delumeau também aponta elementos significativos na construção de um modelo de sociedade: a “Civilização do Renascimento”. Mas, o que há em comum entre essas abordagens é a percepção de que esse período foi marcante seja para a construção de um mundo ocidental capitalista, seja de um modelo ocidental de ser; de uma sociedade marcada pela idéia de civilização e superioridade. Uma sociedade sempre em avanço, pois “no tempo das primeiras cruzadas, a técnica e a cultura de Árabes e chineses igualavam e suplantavam até, a técnica e a cultura dos ocidentais. Em 1600 já não era assim” (DELUMEAU, 1984, p. 20).

Portanto, é um período em que a civilização ocidental ultrapassa todos os seus limites demonstrando um dinamismo incomparável. A partir da idéia de renascimento se constrói um modelo. Pressupõe-se uma retomada da Antiguidade Clássica como referencia a um modelo de cultura que fazia dos europeus seu legítimo herdeiro, numa tentativa de ruptura com o passado medieval considerado como um “mundo de obscurantismo”. Na verdade, é o momento em que o homem é enfatizado e impulsionado a atuar: a sobrepor o desconhecido, limites morais e míticos, constituindo, portanto uma “promoção do Ocidente numa época em que a civilização da Europa ultrapassou, de modo decisivo, as que lhe eram paralelas” (DELUMEAU, 1984, p. 20).

Estes dois conceitos de Capitalismo e Renascimento são fundamentais. Articulam uma imagem Ocidental de poderio econômico, militar e de civilização. Este último conceito, segundo o filósofo Nbert Elias, resume tudo em que a sociedade ocidental nos dois ou três séculos se julga superior as sociedades mais antigas ou sociedades contemporâneas mais ‘primitivas’. Com essa palavra a sociedade ocidental procura descrever o que lhe constitui o caráter especial e aquilo de que

se orgulha: o nível de sua tecnologia, a natureza e suas maneiras, o desenvolvimento de sua cultura científica ou visão de mundo, e muito mais” (ELIAS, 1994. p. 23). Portanto, todos conceitos historicamente construídos e cristalizados sobre o Ocidente o nomeiam como um espaço histórico sempre em evolução, em progresso, ao passo que outras sociedades que fugiam a esse modelo europeu foram nomeadas como ‘barbárie’ ou ‘primitivas’. Essa forma de ver e se inserir legitimou um conjunto de ações e imposições de países europeus (e a partir do século XIX com os Estados Unidos) no restante do mundo do século XVI aos dias atuais.

Depois do Renascimento se forjou um outro período histórico que consolidaria toda uma visão etnocêntrica sobre o mundo não europeizado, o Iluminismo. Considerado o período da razão, o momento em que o homem se livrava de todas as amarras que impediam o seu desenvolvimento. Fruto desse período, a Revolução Francesa se consolidou pelos ideais de Igualdade, Fraternidade e Liberdade. Ou seja, instituiu-se a noção de direitos e deveres do cidadão. Mas, ao mesmo tempo em que era impulsionado esse novo olhar sobre o homem, as nações européias entravam numa nova fase colonialista (desta vez, invadindo e conquistando países dos continentes africano e asiático), agora chamada de Imperialismo, exacerbado pelas idéias nacionalistas e pela necessidade de expansão econômica e política numa nova fase do capitalismo e que desconsideraram outras culturas:

Que importava que suas artes fossem admiráveis, que os monumentos e suas culturas ancestrais fossem maravilhosos e que suas filosofias (sobretudo religiosas) impressionassem tanto como o cristianismo, e provavelmente mais que ele, alguns acadêmicos e poetas ocidentais? Basicamente, essas sociedades estavam todas igualmente à mercê dos navios que vinham do exterior com carregamentos de bens, homens armados e idéias diante das quais ficavam impotentes e que transformaram seus universos como convinha aos invasores independente do sentimento dos invadidos (HOBSBAWM, 1988, p. 38).

Muitos desses países invadidos e mesmo formados a partir dessas políticas ocidentais de intervenção vivenciam problemas até hoje. Para dividir o bolo entre si, as nações européias criaram vários outros países instituindo fronteiras artificiais sem que tivessem alguma ligação com a história e a cultura dos seus respectivos povos. Daí, presenciarmos, no século passado, vários problemas com a questão dos palestinos em Israel, dos curdos no Iraque, o conflito entre Índia e Paquistão pela região da Cachemira, chacinas em países africanos como Serra Leoa, Angola e Argélia.

Portanto, todos esses conflitos e muitos outros que levam milhares de vidas inocentes, geralmente estão ligados a estas questões maiores, perpassando por interesses muitas vezes alheio a maior parte da população. Acreditamos, pois, que é fundamental uma historicização dos vários conceitos que trabalhamos com nossos alunos em sala de aula. É imprescindível que se localize, que se discuta e se mostre que cada conceito está carregado de interesses, de uma forma de conceber o mundo, e no caso da história, de construir uma relação entre o passado e o presente. Retomando

mais uma vez o historiador francês Jean Delumeau, “as palavras tem muita vida” (DELUMEAU, 1984, p. 19).

No seu diário de viagem, escrevia Cristóvão Colombo que a descoberta de um novo mundo era uma possibilidade de angariar recursos para reconquistar a Terra Santa, ou seja, “juntar o máximo de dinheiro possível para, no caso de os Reis renunciarem ao projeto, poder ir até lá só e tão poderoso e quanto lhe for possível (22.02.1498)” (TODOROV, 1983, p. 06).

Em nome da nossa religião e da civilização, começava uma guerra sem precedentes na história com quase que total extermínio da população ameríndia. Passados cinco séculos, nos é estranho que alguns indivíduos invistam suas vidas em nome de um credo religioso, que acreditem em idéias como “paraíso”, que usem práticas “terroristas” como forma de ação. Poderemos considerá-los, fanáticos, estúpidos, loucos etc., pois afinal de contas varias vidas foram tiradas, por exemplo, no atentado de 11 de setembro de 2001 que derrubaram as torres gêmeas do World Trade Center e parte do Pentágono, símbolos do poderio econômico e militar americanos, respectivamente. Poderíamos até pensar que nós, ocidentais, já passamos deste tipo de concepção de mundo, atrasado, primitivo. Mas, o que nos faz melhores que eles se toda nossa história foi construída a partir de um terrorismo cada vez mais sofisticado e evoluído, camuflado a partir de uma necessidade política ou econômica?

Assim, se Colombo busca o paraíso, uma terra de abundância quando descobriu a América e que a conquista dessa terra foi obtida através da espada e da pólvora; hoje, novamente, a América é alvo, só que, desta vez, ela não é o “paraíso”, mas um meio para alcançá-lo.

Bibliografia

- DELUMEAU, Jean. *A Civilização do Renascimento*. Lisboa: Estampa, 1984. v. I.
- ELIAS, Nbert. *O Processo Civilizador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1994. v. I e II.
- FREYRE, Gilberto. *Casa Grande & Senzala*. Rio de Janeiro, Record, 2000.
- HOBBSAWM, Eric. *A Era dos Impérios – 1875-1914*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- MARX, Karl. “A Chamada Acumulação Primitiva do Capital”.In: _____. *O Capital: o processo de produção do capital*. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1980. Livro I, v. I.
- SAID, Edward. *O Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo, Cia das Letras 1990.
- TODOROV, Tzevtzan. *A Conquista da América*. São Paulo: Martins Fontes, 1983.